

A PRÁTICA DA ORALIDADE EM SALA DE AULA

Deivison Ferreira Oliveira, graduando em Letras, bolsista PIBID, UFPA.

RESUMO

Este trabalho, resultado de uma experiência vivenciada por mim, no âmbito do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, numa escola no município de Abaetetuba-Pará e de uma pesquisa de campo sobre as principais lendas abaetetubense, tem como objetivo relatar e avaliar algumas das ações didáticas envolvidas na aplicação de uma sequência didática com o gênero *lenda* com alunos da 5ª série do ensino fundamental, além de fazer uma breve abordagem sobre, lendas, gêneros textuais e oralidade. Os resultados finais foram satisfatórios, uma vez que os alunos souberam produzir textos coerentes, de acordo com o gênero *lenda*, além de despertar nos alunos o interesse pela cultura popular tendo como essência o imaginário local, a aplicação de uma sequência didática, permite que os alunos mantenham contato com atividades diferenciadas, relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa e pautadas em uma perspectiva de língua como lugar de interação verbal.

PALAVRAS-CHAVE: *lenda*, sequência didática, literatura oral, Pibid.

INTRODUÇÃO

Sabemos que é de extrema importância a aliança entre a teoria e a prática no contexto das Licenciaturas e a inclusão do licenciado no contexto escolar desde o início da sua formação, para que a iniciação à docência ocorra antes mesmo de chegar o estágio.

O Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), traz essa essência nos seus objetivos, oferecendo aos discentes dos cursos de graduação a oportunidade de intensificar e qualificar o processo de formação e iniciação à docência através de participação em pesquisas, planejamento e execução de metodologias inovadoras, além de vivenciar o ambiente escolar, suas rotinas e dinâmicas em atividades de assessoramento ou ligadas a espaços como biblioteca e laboratórios e projetos desenvolvidos pela escola, o graduando estará mais capacitado para desempenhar suas funções de educador.

LENDAS

A cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível. É nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que

desabrocham em lendas, mitos, contos, credences, superstição e em outras belezas que retratam a nossa cultura. Todavia, o foco deste trabalho é o gênero lenda através de uma sequência didática, que segundo Luís da Câmara Cascudo:

“As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço...”.

Há de se considerar, que as lendas são narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo como nasceram e criaram as lendas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustradas por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados. Podendo ser confundida com os mitos.

Para Paulo de Carvalho Neto:

“*Lenda* – É uma narrativa imaginária que possui raízes na realidade objetiva, é sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado. (p. 132)
Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo. (p. 146)”.

As histórias orais são exemplos claros da manifestação cultural de um povo. São modos de ver aquilo que está no imaginário e propicia uma viagem no tempo e no espaço. Todas as artes podem ser partes fundamentais dessa viagem pelo lendário mundo da imaginação. O que vivenciamos nada mais é do que o homem expressando suas crenças, sua linguagem e seu modo de vida. Quando o homem se expressa à natureza ganha vida e é isso que o imaginário concede ao homem: o prazer de criar e conviver com suas criações. Isso tudo causou um vislumbre por parte dos alunos, visto que, poucos conheciam as principais lendas abaetetubenses.

GÊNEROS TEXTUAIS

Segundo Bakhtin, Gêneros textuais são “modelos” de textos que circulam socialmente e que estabelecem formas próprias de organização do discurso.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso).

(Bakhtin)

Tradicionalmente, as atividades com textos (leitura e produção), na escola, têm se revelado como produtos culturais cuja função é desenvolver e avaliar progressivamente e sistematicamente a “capacidade” de escrita dos alunos.

Estereótipos de textos – a descrição, a narração e a dissertação – constituem instrumentos concebidos como formas de representação de realidades distintas e se autorizam como modelos concretos para o ensino em uma escola que exclui, no seu trabalho com textos, a complexidade do social, negando-a, assim, como parte desse mesmo social, logo cabe a nós educadores mudar esse paradigma é uma tarefa árdua é justamente por isso que refletir sobre a constituição da linguagem como ação social tem sido um dos grandes desafios colocados ao educador.

Dessa forma, as noções de gêneros discursivos, na perspectiva de Bakhtin, constituem um caminho profícuo para dar suporte às atividades do professor de língua materna.

O ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia sobremaneira a competência linguística e discursiva dos alunos, mas também aponta-lhes as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem.

As ideias de Bakhtin se transformaram em referência nos últimos anos para os grandes estudiosos da língua, pois, sem sombra de dúvidas, é ímpar a sua contribuição no que diz respeito à relação que faz entre o ser humano, a sociedade e a linguagem.

Deve-se apontar, também, que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa se fundamentam, em parte, na teoria dos gêneros do discurso bakhtiniana e em outras releituras didáticas dessa teoria, como, por exemplo, Schneuwly e Dolz, representando um

avanço nas políticas educacionais brasileiras, principalmente por se constituírem em “*diretrizes que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar uma formação básica comum*” (PCNs, Introdução, p.49).

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão, por isso decidi trabalhar gênero textual lenda, pelo fato de ser um gênero nunca antes trabalhado em sala de aula, além disso o trabalho com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

O conhecimento da língua oral e escrita é fundamental para que as pessoas possam se comunicar e exercer a cidadania de forma efetiva, se expressando e defendendo seus pontos de vista. Por isso é fundamental que a escola direcione seus esforços a fim de promover a construção de saberes e o domínio linguístico para todos os alunos, explicitando as diversas linguagens e auxiliando os alunos a comunicar-se nos mais diferentes contextos, como está explicitada no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Língua Portuguesa (1997, p. 22):

Nessa perspectiva, a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p. 22).

ORALIDADE

Quando consideramos a língua em sua perspectiva histórica e social, o trabalho com a oralidade deve se dar em situações reais de uso da fala. No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor, e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente, capaz de compreender os discursos dos outros e de organizar os seus de forma clara, coesa e coerente. O professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade que, gradativamente, leve o aluno não só a conhecer e usar a variedade linguística padrão, como também entender a necessidade desse uso em determinados contextos sociais.

Saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores é fundamental. Se não houver ouvinte, a interação não acontece. Logo, é preciso desenvolver nos alunos a competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social.

A oralidade deve ser avaliada progressivamente, devendo-se considerar: a participação individual do aluno, a sua exposição de ideias de modo claro, a fluência de sua fala, a participação organizada, o seu desembaraço, as suas contribuições e, principalmente, a consistência argumentativa de sua fala.

METODOLOGIA

Inicialmente fiz um levantamento das principais lendas abaetetubense para que pudessemos trabalhar em sala de aula apenas as lendas locais, para incentivar resgate e difusão das mesmas.

Para conseguir atingir os objetivos demarcados, elaborei uma sequência didática baseado na proposta de Schneuwly e Dolz (2004). Os autores consideram que o indivíduo, em uma situação de comunicação, pode se apropriar adequadamente da língua, utilizando-a de acordo com a exigência da situação comunicacional, o que implica o desenvolvimento dos gêneros discursivos. Partindo desse princípio, os autores apontam, como metodologia de ensino, um procedimento que foi preparado para a apropriação e para o desenvolvimento dos gêneros discursivos em sala de aula por alunos do ensino fundamental e médio: a sequência didática.

A tabela, a seguir, apresenta a sequência didática do gênero lenda.

Tabela 1: Sequência didática do gênero *lendas abaetetubense*.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA				
	PROCEDIMENTOS	OBJETIVOS	INSTRUMENTOS	TEMPO
APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	- Ler com os alunos algumas lendas abaetetubenses; - Questioná-los a fim de descobrir o que já sabem sobre o gênero lenda;	- Conduzir os alunos à reflexão a respeito do que seja o gênero lenda; - Identificar o que os alunos já concebem como lenda.	- Recursos humanos; - Lendas; - Oralidade	1 hora
	- Entregar aos alunos lendas da “cobra grande”, para que, a	- Saber quais são as dificuldades que os alunos	- Recursos humanos; - Oralidade;	

<p>PRODUÇÃO INICIAL</p>	<p>partir delas façam uma nova lenda; - Após a elaboração, pedir aos alunos que eles entreguem as lendas originais e as lendas criadas por eles; - Fazer a leitura das lendas criadas para que eles identifiquem as características de uma lenda.</p>	<p>têm para elaborar uma lenda; - Observar a criatividade dos alunos na hora da produção da lenda; - Dar atenção à coerência dos textos dos alunos</p>	<p>- Papel com pauta; - Quadro; - Pincel.</p>	<p>2 horas</p>
<p>MÓDULO I</p>	<p>- Ler com os alunos algumas lendas e mitos;</p>	<p>- Esclarecer qual a diferença entre lenda e mito, visto que, ambas se assemelham; - Identificar as principais características do gênero lenda;</p>	<p>- Recursos humanos; - Oralidade; - Lendas e mitos escritos; - Quadro - Pincel</p>	<p>1 hora</p>
<p>MÓDULO II</p>	<p>- Solicitar que os alunos façam uma pesquisa sobre as principais lendas abaetetubense e recitem na rádio da escola.</p>	<p>- despertar no aluno o interesse pela cultura popular tendo como essência o imaginário local; - Inserir a comunidade escolar no ensino da literatura oral.</p>	<p>- Recursos humanos; - Rádio da escola; - Computador.</p>	<p>1 hora</p>
<p>PRODUÇÃO FINAL</p>	<p>- Solicitar-lhes, como produção textual, uma recriação da lenda da “cobra grande”; Encerramento da sequência didática.</p>	<p>- Incitá-los a produção de gêneros inusitados; - Despertar a criatividade dos alunos; - Resgatar a cultura popular.</p>	<p>-Recursos humanos; - Papel com pauta; - Oralidade</p>	<p>2 horas</p>

RESULTADOS

Para alcançar resultados satisfatórios, a preparação e execução dessa sequência didática foram baseados nos estudos de vários autores, dentre eles está Schneuwly e Dolz. Esses autores consideram uma nova proposta de ensino de língua baseada no gênero discursivo, capaz de dar aos alunos a oportunidade de compreender os textos, penetrando no seu interior de tal forma que se consiga o maior número de significações possíveis. Deixar-se-á, por conseguinte, de impor aos alunos conteúdos gramaticais sem nenhuma finalidade prática para ajudá-los a se tornarem cidadãos preparados para desvendar, compreender e transformar o mundo em que vivem. Deve-se observar que ensinar língua não significa ensinar gramática. Só se ensina a língua falando, lendo e escrevendo.

De acordo com Antunes (2007)

“...no ensino fundamental, a exploração da terminologia gramatical não merece posição de destaque, pois esse é o momento dos primeiros contatos do indivíduo com a reflexão sobre a faculdade da linguagem. É necessário atribuir à nomenclatura gramatical apenas uma função suplementar, pois conhecer a terminologia não assegura ao aluno o acesso à norma prestigiada da língua, já que ela possibilita apenas uma denominação adequada das unidades da gramática nas atividades de análise da língua...”

Desse modo, para que se efetive o domínio da língua, devem-se oportunizar ao aluno atividades orais, tendo o texto como suporte para tal, e atividades escritas, como produção de textos de gêneros variados exercícios em que se privilegiem os usos linguísticos que se constituem as marcas desses gêneros. São necessárias, muita leitura, prática intensa de escrita e reflexão sobre os textos falados, lidos escritos desde os primeiros anos de escolarização, de forma gradativa e processual.

Os resultados finais foram muito bom, uma vez que os alunos souberam produzir textos coerentes, de acordo com o gênero lenda. Nas produções finais percebeu-se um grande avanço ao fazer uma comparação com as produções iniciais, pois os alunos não fugiram da estrutura de uma lenda, souberam recriar a lenda, deixando marcas que nos permite identificar o texto como uma lenda.

CONCLUSÃO

Como se pode perceber, a aplicação de uma sequência didática permite que os alunos possam entrar em contato com atividades diferenciadas, relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa e pautada em uma perspectiva de língua como lugar de interação verbal.

Conhecimento nunca é demais quanto o assunto é ensino. Estar apto à docência, antes de uma profissão, é uma questão de respeito tanto consigo quanto profissional, quanto com o público, o PIBID ao dinamizar nossa formação ainda na condição de graduando de licenciatura, fortalecendo e disseminando a integração do ensino superior à educação básica, além de contribuir com nossas produções científicas. Isso possibilita a formação de sujeitos ativos e preparados para encarar a realidade da docência, contribuindo com a qualidade do ensino e suprimindo com a carência universitária de preparar profissionais na prática antes de atuarem no mercado e a difusão do saber e, conseqüentemente, o progresso científico, ao subsidiar a proposição de práticas pedagógicas inovadoras e necessárias ao ensino da Língua Portuguesa como língua materna.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português – encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, P. .348

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. P. 41-70.

LOSSIO, Rúbia. *Lendas: processo de folkcomunicação*. Disponível em www.fundaj.gov.br/geral/folclore/lendastextos.pdf, acesso em 09/04/2013 às 10h 35m

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010, pp 34-35.

MATTA, Sozângela Schemim da – *Português – Linguagem e Interação*/ Sozângela Schemim da Matta – Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? – Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTO, Márcia. *Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais*/ Márcia Porto; Ilustrações Felipe Grosso, Renato Teixeira. – Curitiba: Aymar, 2009.